

A Bíblia como literatura – A Bíblia como ficção

*Anderson de Oliveira Lima**

Resumo

Este artigo trata de diferentes modos pelos quais a literatura bíblica tem sido abordada e coloca a ênfase sobre a perspectiva literária que, diferente da crítica histórica ou das leituras religiosas, afirma que a Bíblia é uma obra que apresenta características muito peculiares de ficcionalidade literária. Ele também discute a hipótese de que essa ficcionalidade bíblica seja um dos fatores determinantes para que, como a história testifica, esse livro seja tão influente, apesar do modo tirânico com que pressiona o leitor.

Palavras-chave: Bíblia. Bíblia como literatura. História da leitura bíblica. Crítica histórica. Retórica bíblica.

The Bible as Literature – The Bible as Fiction

Abstract

This article deals with ways by which the biblical literature has been discussed and puts the emphasis on the literary approach that, different from historical criticism or religious readings, states that Bible is a book that shows us a very peculiar feature of literary fictionality. The article also discusses the hypothesis that this biblical fictionality is one of the decisive reasons for, as our history testifies, the Bible has been a so influential book, despite the tyrannical way with its press the reader.

Keywords: Bible. Bible as literature. History of biblical reading. Historical criticism. Biblical rethoric.

La Biblia como literatura – La Biblia como ficción

Resumen

Este artículo trata de diversas formas en que la literatura bíblica se ha discutido y pone su énfasis en el enfoque literario, que diferente de la crítica histórica o de las lecturas

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é professor de teologia na Faculdade de Teologia Umbandista (FTU). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>>. E-mail: anderson.angela.lima@gmail.com.

religiosas, afirma que a Bíblia es una obra que tiene características muy peculiares de la ficcionalidad literaria. Con esto, el artículo también analiza la hipótesis de que esta ficcionalidad sea uno de los factores determinantes para que, como atestigua la historia, la Bíblia sea un libro tan influyente, a pesar del modo tiránico en el que presiona su lector.

Palabras clave: Bíblia. Bíblia como literatura. Historia de la lectura bíblica. La crítica histórica. Retórica bíblica.

Considerações iniciais: a Bíblia como literatura

A expressão “a Bíblia como literatura” se popularizou nas últimas décadas e deu nome a vários livros no Brasil e no exterior.¹ Ela supostamente define uma prática de leitura bíblica contemporânea, mais próxima dos hábitos preferidos pelos críticos e teóricos da literatura, e se apresenta como uma nova proposta em relação àquelas práticas mais tradicionais comumente empregadas por leitores religiosos ou exegetas. Na verdade, essa suposta escola ainda possui uma consciência de grupo frágil, cujos traços característicos ainda não estão firmemente definidos e os adeptos não demonstram homogeneidade teórica ou metodológica. Mas poderíamos dizer para muitos, ainda de maneira provisória, que sua identidade se baseia na abordagem da Bíblia como obra clássica da literatura, texto basilar para a constituição de boa parte do cânon literário ocidental (FRYE, 2004, p. 10, 18; MALANGA, 2005, p. 184; MILES, 2009, p. 11-12). Nesse caso, tal abordagem deve estar de acordo com as teorias literárias contemporâneas e deixar de lado o tradicional status religioso que declara ser a Bíblia um livro distinto de todos os demais, um livro sagrado. Quem assim define a leitura da Bíblia como literatura geralmente são críticos literários seculares que precisam romper alguns preconceitos para que definitivamente incluam-na entre as obras clássicas que frequentemente avaliam, obra que merece ser lida e estudada independentemente de sua importância religiosa.

¹ No cenário norte-americano e europeu, o leitor pode encontrar uma variedade considerável de obras disponíveis com títulos desse tipo ao fazer uma busca superficial pela expressão “The Bible as Literature” nalgum site que comercializa livros. Por exemplo, encontramos: de Glen Cavaliero e T. R. Henn, a Taunton Press publicou *The Bible as Literature* em 2008. A Lightning Source publicou em 2006 outro *The Bible as Literature*, dessa vez de Irving Francis Wood e Elihu Grant. Também temos um *The Bible as Literature*, de John P. Peters, Richard Green Moulton e A. B. Bruce, publicado pela Bibliolife em 2009. Além disso, há muitos outros títulos parecidos, como a obra de James S. Ackerman e Thayer S. Warshaw intitulada *The Bible as/in Literature* de 1995 pela Prentice Hall, e *Reading the Bible as Literature: An Introduction*, de Jeanie C. Crain, publicado em 2010 pela Polity Press. No Brasil, ainda que a produção seja bem mais modesta, algumas editoras têm se empenhado na tradução e publicação de títulos como esses. Para citar alguns poucos exemplos, temos da Editora Loyola *A Bíblia como Literatura*, de John Gabel e Charles Wheeler, em 2003; e *Leia a Bíblia como Literatura*, de Cássio Murilo Dias da Silva, em 2007. A Editora Vozes também publicou o seu *A Bíblia como Literatura*, mas de José Pedro Tosaus Abadía, em 2000.

Ainda falando daqueles que abordam a Bíblia como literatura, há os que dão maior ênfase ao fato de que ela não precisa ser lida como fonte histórica (TOSAUS ABADÍA, 2000, p. 23; MILES, 2009, p. 22). Entre esses nota-se uma aberta rejeição às análises exegéticas tradicionais, à crítica histórica que dominou a erudição bíblica nos últimos séculos e àquelas leituras populares, religiosas de caráter fundamentalista, nas quais mais fantásticas narrativas são consideradas descrições precisas de fatos reais do passado histórico. Poderíamos dizer que, para essa elite leitora, tomar os textos bíblicos como ficção é condição indispensável para que possamos dizer que estamos lendo a Bíblia como literatura. É exatamente sobre esse último argumento que queremos nos deter neste artigo, e o leitor agora já sabe em que âmbito dos estudos da religião (e da Bíblia mais especificamente) se insere a discussão aqui proposta.

Se falar da Bíblia como literatura já é uma questão complicada, falar dela “como ficção” pode ser o estopim de embates acirrados em nossa sociedade, acostumada a abrir esse livro que, desde a capa, afirma sua (inquestionável) sacralidade. Um dos motivos que dificultam o diálogo a esse respeito é a compreensão limitada que em geral se tem de ficção. Este trabalho procura discutir essa abordagem literária da Bíblia de maneira pontual, tratando exatamente do caráter ficcional do texto bíblico e colocando em pauta alguns importantes teóricos da literatura e críticos da Bíblia. Acreditamos que tal debate não serve apenas para afirmar a ficcionalidade da literatura bíblica, mas também nos conduz a resultados importantes do ponto de vista dos estudos da recepção. Veremos como a compreensão mais apurada sobre essa ficcionalidade é capaz de nos ajudar a esclarecer outros problemas, como o dos motivos que levam os leitores leigos a ignorarem os elementos ficcionais dos textos bíblicos e o do exclusivo poder retórico deles que, como sabemos, continuam influenciando ativamente a vida de muitos leitores.

A crítica histórica e a abordagem literária da Bíblia

Desde o final da década de 1970 essa abordagem da Bíblia como literatura ganhou um número crescente de adeptos e foi se estabelecendo, ao menos entre certo grupo elitizado de leitores. Como vimos, por um lado eles estavam influenciados pela teoria literária contemporânea, e alguns exegetas bíblicos passaram a empregar os instrumentos dos estudos literários seculares em suas leituras bíblicas, substituindo passos metodológicos antiquados e atualizando a exegese que já praticavam; por outro, críticos literários seculares adotaram a Bíblia como objeto para seus experimentos, tirando-a do exclusivo posto de livro sagrado e a equiparando aos demais títulos que já compunham o cânon literário da cultura ocidental. Esse quadro bipartido serve para que compreendamos essas novas leituras que, como fenômenos

históricos, nascem não apenas por conta do impulso dos estudos literários recentes e sua abrangência, mas também reagindo aos protocolos de leituras anteriores que passavam a ser vistos como epistemologicamente superados. A abordagem literária da Bíblia, portanto, se caracterizou como prática que reage diretamente às abordagens religiosas e à crítica histórica, ambas caracterizadas por uma ênfase no passado que no novo momento parecia sem propósitos.

Essa reação à ênfase histórica na interpretação bíblica popular e acadêmica nós vemos, por exemplo, em um artigo intitulado “O que significa ler a Bíblia como Literatura?”. O autor, Leandro Thomaz de Almeida, voltou sua atenção para a leitura religiosa da Bíblia e destacou exatamente como ela esteve (e ainda está) marcada por essa postura ingênua do leitor que, diante do texto sagrado, não questiona suficientemente o suposto caráter factual das narrativas. Ele vê a abordagem literária da Bíblia como uma reação a essa forma religiosa de ler, como vemos nessas linhas:

[...] a leitura da Bíblia por muito tempo desconsiderou a característica literária de seus textos, o que fez com que fossem tomados, em sua maioria, como descrições literais de fatos do mundo, sejam estes relacionados à criação do universo, ao dilúvio, à ascensão do Cristo etc. Essa leitura – praticada, por exemplo, pelo puritanismo inglês do século XVII – continua viva hoje em dia, ao menos em círculos teológicos muito conservadores. Atualmente, no entanto, cada vez mais se fortalece a compreensão de que a leitura da Bíblia tem muito a ganhar se levar em consideração o caráter literário dos textos que a compõem. (ALMEIDA, 2011, p. 13-14)

Mais adiante o autor emprega algumas observações mais pontuais sobre o evangelho de Marcos para destacar os aspectos ideológicos e as características literárias dele e colocar ao leitor esta questão: “Se sua construção privilegia determinadas imagens, repetições, ditos e parábolas, por que toda essa diversidade deveria ser desprezada em nome de uma leitura que se quer meramente biográfica da vida de Jesus?” (ALMEIDA, 2011, p. 17). Vê-se que para o autor, ler a Bíblia literariamente é uma prática que começa por tomar o texto bíblico como um crítico literário faria diante de qualquer romance, deixando de lado o potencial que ele possa ter como fonte para a pesquisa histórica.

Também temos um bom exemplo no texto de Steven Weitzman (2007, p. 191), que, falando sobre as mudanças de paradigma na leitura bíblica ocorrida na década de 1980 nos EUA e sobre o papel determinante de Robert Alter nesse processo de transição, escreveu:

Anteriormente os estudiosos da Bíblia desviaram a atenção da literatura bíblica para uma realidade anterior aos textos – as fontes da Bíblia, sua autoria, os eventos e instituições que estão por trás deles. Estudiosos como os que contribuíram com *O Guia Literário da Bíblia* de Alter e Kermode buscavam ensinar sua audiência sobre como ler e apreciar a Bíblia em si por meio da atenção às suas artimanhas – como ela orquestra o som, a repetição, o diálogo, a alusão e a ambiguidade para gerar significado e efeito.

Deveras a questão da historicidade dos eventos narrados nos livros bíblicos foi a que mais ocupou a erudição bíblica nos últimos séculos, pelo que muitos dos leitores que hoje pretendem ler a Bíblia como literatura se sentem forçados a argumentar contra a relevância daquela avaliação quanto à historicidade dos textos. Portanto, se para ler a Bíblia como literatura hoje pareça imprescindível considerar suas narrativas como ficção, isso é resultado de uma longa trajetória que nos legou práticas antigas, tradicionais, cujo valor não deve ser esquecido, mas que precisam ser questionadas se o que se quer é fazer algo diferente.

Nós nos vemos exatamente neste momento de indefinições, em que novas e antigas abordagens parecem excludentes, seus adeptos se mostram combativos e as reflexões a respeito são mais necessárias. Daí nossa intenção de oferecer algumas contribuições por meio de considerações mais aprofundadas sobre a ideia de ficção antes de impô-la às narrativas bíblicas.

Para entender a ficcionalidade bíblica

Antes de mais nada, é preciso cuidar para não deixar que o senso comum nos conduza a uma compreensão equivocada de ficção. Foi Wolfgang Iser quem salientou que, de modo geral, os textos literários são considerados ficcionais, mas que há um senso comum, um “saber tácito”, que nos leva a entender a ficção de forma simplista, como um polo oposto à realidade. Iser nega esse modo binário de compreender ficção e propõe um modelo triádico formado por essas três instâncias: real, fictício e imaginário (2013, p. 31-34). Ele explica as relações entre essas três instâncias ao dizer que o texto literário, descrito como a combinação de “atos de fingir”, produz repetições da realidade que, não podendo reproduzi-la, transgridem-na em direção ao imaginário: “Quando a realidade repetida no fingir se transforma em signo, ocorre forçosamente uma transgressão de sua determinação. O ato de fingir é, portanto, uma transgressão de limites. Nisso se expressa sua aliança com o imaginário” (ISER, 2013, p. 33).

Iser ainda propõe um olhar diferente para as mesmas relações, ao afirmar que o imaginário humano (difuso, informe, fluido, arbitrário) também é transgredido ao ser ficcionalizado, ganha forma ao entrar em contato com a realidade fingida do texto literário: “No ato de fingir, o imaginário ganha

uma determinação que não lhe é própria e adquire, desse modo, um atributo de realidade; pois a determinação é uma definição mínima do real” (ISER, 2013, p. 33). Assim, o autor define o texto literário, o texto ficcional, como evento linguístico que transgride os limites do real e do imaginário, e que é de uma só vez “a irrealização do real e a realização do imaginário” (2013, p. 34).

Isso ainda pode ser dito de outras formas, como, por exemplo, nas linhas que adotamos de João C. Leonel Ferreira sobre o caráter representativo (*mimético*) e criativo (*poiético*) do texto literário:

[...] pode-se dizer que a literatura: a) é caracterizada por uma determinada relação com a realidade e b) que ela apresenta certas propriedades de linguagem. Os dois aspectos estão interligados. No primeiro caso, são úteis os conceitos de [...] mimesis e de poiesis apresentados por Aristóteles em seu livro *Poética*. Mimesis e poiesis significam imitação/representação e criação, respectivamente. Com eles quer-se afirmar que uma obra literária não é uma “cópia” ou “descrição” da realidade, mas que, em uma instância preliminar, por usar a linguagem que se constitui em “signos” gráficos e sonoros, ela é uma reconstrução do mundo a partir da percepção do artista, de modo a transmitir aos leitores uma visão particular da realidade. (FERREIRA, 2008, p. 9-10)

[...] dizer que são “literatura” implica o reconhecimento que elas guardam certa relação de proximidade/distância com a realidade, nunca sendo mera transcrição desta, pelo contrário, representando-a e buscando transformá-la por intermédio das histórias narradas. (FERREIRA, 2008, p. 10)

Empregando as definições de Wolfgang Iser (ou de João Leonel Ferreira), chegamos mais perto do que os críticos literários querem dizer quando afirmam que a literatura bíblica deve ser lida como ficção. Não se trata de encarar seus personagens como sujeitos que nunca existiram, ou os cenários que descrevem como mundos puramente imaginários; o que se pede é que se pense em todo texto literário, inclusive o bíblico, como uma representação estética que necessariamente transcende a realidade e limita o imaginário humano. Isso parece responder parcialmente à questão da leitura religiosa e fundamentalista que, ignorando o modo como temos definido ficção com base em Iser, parece se apoiar sobre aquele senso comum que induz o leitor religioso a encarar toda ficção como mentira. Decorre daí que a Bíblia, ou melhor, a “Palavra de Deus” que o leitor religioso manuseia, não pode ser uma mentira, pelo que ele fará de tudo para assegurar o caráter factual dos eventos ali narrados.

Lendo os textos bíblicos de nossa posição, procurando livrar-nos das conhecidas mediações religiosas, pode parecer fácil notar a presença dos elementos imaginários que o texto bíblico ficcionalizou. Iser (2013, p. 42)

afirmou que o texto literário geralmente dá a conhecer sua ficcionalidade, e que quando um leitor se encontra diante de um texto declaradamente ficcional ele assume uma atitude coerente com a ficção quando se defronta com os elementos ficcionais. É como se texto e leitor fizessem um acordo sobre o modo de apreender aquele conteúdo escrito e a partir daí o leitor busca compreender as leis que regem aquele mundo literário em que a narrativa se desenvolve, tomando a precaução de não supor que as mesmas leis devam se aplicar ao seu mundo concreto. Mas na leitura fundamentalista as coisas não funcionam assim; é como se o leitor fizesse *vistas grossas* à ficcionalidade, preferindo supor que tudo o que está escrito é possível para Deus por meios miraculosos.

Segundo Iser, quando o leitor não nota os sinais da ficção ou não os reconhece e ingenuamente segue lendo o texto como um simples retrato da realidade, comete erros na sua produção de sentidos: “A ilusão não corre por conta da ficcionalidade do texto, mas sim da ingenuidade de um modo de pensar que não é capaz de registrar os sinais do ficcional” (ISER, 2013, p. 43). Isso quer dizer que em geral não é o texto bíblico que nos diz como deve ser lido; podemos fazê-lo como uma coleção de mitos ou de relatos históricos precisos. Comprova-se a ideia de que o leitor possui certa autonomia para a determinação dos sentidos daquilo que lê; todavia, ela não é plena, já que, como o exemplo da leitura fundamentalista nos mostra, o leitor pode estar inserido numa tradição de leitura que atua como mediadora entre ele e o texto e condiciona sua interpretação.

A despeito da leitura que se faz, queremos destacar a afirmação de Iser sobre o fato de a ficcionalidade se dar a conhecer em todo texto literário. Para julgar melhor a aplicabilidade dessa asserção às narrativas bíblicas, podemos recordar algumas observações feitas por Erich Auerbach em *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. A obra, original de 1946, traz no primeiro capítulo uma admirável análise da narrativa de Gênesis 22.1-13, que narra a lacônica história do (quase) sacrifício do filho de Abraão. Pelo olhar de Auerbach, o texto bíblico é comparado ao canto XIX da Odisseia, que antes de tudo, contrasta com o primeiro por sua prolixidade. Nesse trabalho, Auerbach fala sobre a combinação dos elementos do real e do imaginário nas narrativas do Antigo Testamento, e é esse o ponto que nos interessa no momento. Primeiro, o crítico alemão havia dito que “Homero permanece, com todo o seu assunto, no lendário, enquanto que o assunto do Velho Testamento, à medida que o relato avança, aproxima-se cada vez mais do histórico” (AUERBACH, 2011, p. 15). A princípio isso não seria um problema para o leitor da Bíblia, já que “na maioria dos casos, a diferença entre lenda e história é, para o leitor um pouco experiente, fácil de

descobrir” (AUERBACH, 2011, p. 15-16). Aprofundando a questão, o autor reconhece que o texto bíblico pode ter sido construído com base em fatos que os leitores reconhecem como históricos, o que pode levar alguns deles a confiarem demasiadamente na plausibilidade de toda a narrativa. Porém, para Auerbach, a versão ficcional faz com que a história transcorra de maneira excessivamente linear, e nisso a ficcionalidade se desnuda. Leiamos suas palavras, que tratam primeiro do texto ficcional (que ele chama de *lenda*) e depois da realidade que experimentamos fora do texto:

Mesmo quando a lenda não se denuncia imediatamente pela presença de elementos maravilhosos, pela repetição de motivos conhecidos, pelo desleixo na localização espacial ou temporal, ou, por outras coisas semelhantes, pode ser reconhecida rapidamente, o mais das vezes, por sua estrutura. Desenvolve-se de maneira excessivamente linear. Tudo o que correr transversalmente, todo atrito, todo o restante, secundário, que se insinua nos acontecimentos e motivos principais, todo o indeciso, quebrado e vacilante, tudo o que confunde o claro curso da ação e a simples direção das personagens, tudo isso é apagado. A história que presenciamos, ou que conhecemos através de testemunhos de contemporâneos, transcorre de maneira muito menos uniforme, mais cheia de contradições e confusão... (AUERBACH, 2011, p. 16)

Lendo Auerbach baseado em Iser, vemos que o autor do texto literário, ao selecionar da realidade os elementos que serão combinados à imaginação para constituir sua ficção, sempre dá sinais de que suas descrições do real são na verdade atos de fingir. Noutro momento do mesmo capítulo, o crítico alemão destaca que alguns autores bíblicos tentaram dar maior plausibilidade histórica àquilo que está sendo narrado; ele defende que o recurso literário empregado para produzir esse efeito de realidade foi o uso de elementos confusos, contraditórios, do tipo que geralmente a ficção prefere omitir, mas que são características da vida humana que é sempre mais complexa do que a linearidade da “lenda” é capaz de expressar (AUERBACH, 2011, p. 17).

Em 1981 o crítico literário norte-americano Robert Alter, professor de literatura hebraica e comparada, publicou um livro que pode ser considerado um marco na história da pesquisa bíblica das últimas décadas, um título que simbolicamente inaugurou uma nova fase, incentivando uma nova geração de leitores a adotarem a abordagem literária da Bíblia (BERLINERBLAU, 2004, p. 10). Intitulado *The Art of Biblical Narrative* em seu idioma de origem,² a obra de Alter reuniu artigos que o autor publicou entre 1975 e 1980, nos

² O livro foi chamado *A Arte da Narrativa Bíblica* na tradução brasileira publicada em 2007 pela Editora Companhia das Letras. É dessa edição brasileira que falaremos em nossas citações.

quais aprofundava várias das sugestões deixadas por Auerbach em 1946. O que nos interessa aqui é que Alter classificou as narrativas bíblicas sob a rubrica “*prosas de ficção historicizadas*” e usou como exemplo as narrativas patriarcais de Gênesis e sua heterogeneidade:

Um exemplo claro são as narrativas patriarcais, que podem ser vistas como ficções compósitas, baseadas em tradições nacionais heterogêneas; mas a recusa dos autores a conformá-las às simetrias da expectativa, somada a suas contradições e anomalias, sugere o caráter insondável da vida na história sob um Deus inescrutável. (ALTER, 2007, p. 46)

Pouco adiante, baseando-se na percepção de Herbert Schneidau, Alter (2007, p. 50) praticamente repete as mesmas afirmações: “[...] a escrita bíblica recusa a circularidade estável do mundo mitológico e se abre à indeterminação, às variáveis causais, às ambiguidades de uma ficção elaborada para se aproximar das incertezas da vida na história”.

Robert Alter fugia à opinião comum de que os textos bíblicos eram formados por fragmentos incoerentes, reunidos sem critério por um redator primitivo e ingênuo. Ele preferiu acreditar que a redação confusa segue normas que nós, leitores modernos, temos dificuldade de compreender. Tanto Alter quanto Auerbach acabaram afirmando que a redação dos textos bíblicos deu origem a narrativas irregulares, e que tal irregularidade é uma forma de produzir relatos mais humanizados. Ou seja, os personagens bíblicos imitam a vida, são profundos, agem como heróis e depois cometem pecados terríveis; nos dão lições morais e de fé, depois mentem, matam e adulteram; envelhecem e ao longo de suas histórias são transformados pelas circunstâncias... Assim, as narrativas ficcionais da Bíblia seriam capazes de produzir um efeito de realidade que lhes é peculiar, e não deveria nos surpreender que essa ficcionalidade tão peculiar confunda um bom número de leitores.

Mais recentemente Jack Miles chegou a uma conclusão parecida enquanto comentava os livros de Samuel e Reis sob uma perspectiva literária. Para ele, somos nós, leitores modernos, que buscamos distinguir gêneros e acabamos confusos com a forma ambígua pela qual a Bíblia transmite fatos e imaginações (MILES, 2009, p. 213). Destacamos estas linhas:

O traço que caracteriza a história de conquista através do exílio [...] é a maneira relativamente direta como ela introduz Deus na narrativa, combinando história genuína com mito e lenda [...] A controvérsia quanto ao caráter histórico, mítico ou fictício dessa narrativa não tem fundamento. Trata-se na realidade de uma mistura das três coisas. E essa mistura é que constitui precisamente o seu traço distintivo como uma forma de literatura. (MILES, 2009, p. 214)

É possível, enfim, explicar esse recurso literário que historiciza a ficção bíblica com base na semiótica *greimasiana*. Essa escola interpretativa chama de *ancoragem* o emprego de elementos concretos que acabam por produzir um efeito de realidade no texto literário;³ deveras, a literatura bíblica muitas vezes procura se ancorar numa suposta realidade histórica citando datas precisas, nomes de cidades, fazendo referência a pessoas e suas funções... Nesses casos, o acúmulo de dados aparentemente concretos muitas vezes desnecessários para o desenvolvimento do enredo deve ser reconhecido como estratégias enunciativas que visam a atribuir maior efeito de realidade ao texto. Se bem-sucedida, a ancoragem faz com que o leitor tenha dificuldades em questionar a plausibilidade factual da narrativa, e aumentando a confiança desse leitor no conteúdo, o texto o transforma num destinatário mais receptivo, mais manipulável, apto a aceitar os valores e contratos que lhes são propostos.

Não estamos afirmando que os autores bíblicos tinham um domínio técnico desses recursos só recentemente compreendidos e os usavam conscientemente para controlar a mente dos leitores. Esse tipo de linguagem mítica fortemente ideológica que cria narrativas ficcionais por meio do uso eventual de elementos historicamente plausíveis parece ser uma característica da Bíblia de modo geral, uma virtude dela, capaz de torná-la curiosamente impactante. Como ilustração, leiamos as linhas abaixo de Eliana B. Malanga, que discutia exatamente o tipo de *história* que temos na Bíblia, mais especificamente, no livro de Êxodo:

Com relação à saída dos hebreus do Egito, as fontes extra-bíblicas (*sic*) permitem acreditar em um fundo histórico e factual para ela. No entanto, a narrativa se reveste de aspectos miraculosos e de uma clara intenção ideológica. O autor bíblico não narra a saída do Egito simplesmente para registrar um fato histórico, mas para ressaltar o poder de Deus e a escolha de Israel, elaborando um pensamento religioso por meio da narrativa. Uma possível função referencial, de narrativa dos fatos, fica, aqui, submetida à função conativa ou imperativa. (MALANGA, 2005, p. 280)⁴

³ Conforme o *Dicionário de Semiótica* de A. J. Greimas e J. Courtés: “Por **ancoragem histórica** compreende-se a disposição, no momento da instância da figurativização do discurso, de um conjunto de índices espaçotemporais e, mais particularmente, de topônimos e de cronônimos que visam a constituir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido ‘realidade’” (2012, p. 30; grifo dos autores).

⁴ Em seu trabalho, Eliana B. Malanga adota a ideia de funções da linguagem com base em estudiosos renomados como Eco, Jakobson e Epstein, e julgamos necessário acrescentar essa nota para que o leitor compreendesse melhor aquilo que por ela foi dito e aqui citado. Em dado momento a autora fala da função *referencial* como uma característica de textos que privilegiam o contexto, ou o referente, para usar um termo da semiótica. Depois, menciona a função *conativa* ou *imperativa* como aquela mais presente em textos

Então nos parece especialmente acertada a afirmação Northrop Frye, famoso crítico literário canadense, que escreveu que “se alguma coisa na Bíblia é verdadeira do ponto de vista histórico, ela lá está por outra razão que não esta” (FRYE, 2004, p. 67).

Portanto, desse diálogo que produzimos entre Iser, Auerbach e Alter, conclui-se que a ficção bíblica possui características próprias que podem confundir os leitores, levando-os a exacerbarem a importância da historicidade das narrativas em detrimento dos sinais de ficcionalização que deveriam ser reconhecidos. Mas os autores não deixaram de afirmar também que, apesar de tudo, leituras fundamentalistas como a que nos temos referido são resultados de certa ingenuidade por parte dos leitores, que na maioria das vezes passam sobre elementos claramente fantasiosos e se negam a reconhecê-los por se submeter a certa tradição de leitura preconcebida.

A tirania da retórica bíblica

Voltamos a empregar Erich Auerbach para dar início a uma nova seção que se pauta nas intuições do crítico alemão no capítulo já citado de *Mimesis*. Desta feita, recordamos que ele afirmava que as narrativas bíblicas não eram meras ficções, ou melhor dizendo, não eram histórias contadas meramente para entreter, como geralmente encaramos os romances modernos. Para Auerbach, as narrativas bíblicas são incisivas, pungentes, querem influenciar o leitor em sua própria visão de mundo, querem convertê-lo. Vejamos algumas palavras do autor a esse respeito:

A pretensão de verdade da Bíblia é não só muito mais urgente que a de Homero, mas chega a ser tirânica; exclui qualquer outra pretensão. O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira – pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo. (AUERBACH, 2011, p. 11)

que estão centrados no destinatário, ou seja, cujo objetivo primordial é influir sobre o comportamento desse receptor (Malanga, 2005, p. 25). Portanto, no trecho que citamos acima ela alega que a narrativa de Êxodo emprega a função referencial, se apresenta como uma história, com informações sobre acontecimentos que teriam acontecido no passado. Todavia, ainda segundo a autora, essa função possui um papel secundário no texto, já que estaria submetida à função conativa ou imperativa; isso quer dizer que os fatos narrados servem, acima de tudo, para convencer o leitor, levá-lo a crer, a agir. Nesse caso, a historicidade dos eventos narrados está condicionada aos interesses do autor, e a fidelidade histórica não pode ser considerada uma prioridade nem na escolha dos eventos contados e omitidos, nem no modo como eles são apresentados ao leitor.

Os relatos das Sagradas Escrituras não procuram nosso favor, como os de Homero, não nos lisonjeiam para nos agradar e encantar – o que querem é nos dominar. (AUERBACH, 2011, p. 12)

Quando isso se torna impraticável, pela transformação demasiado profunda do meio ambiente e pelo despertar de uma consciência crítica, a pretensão à autoridade corre perigo [...] os relatos bíblicos convertem-se em velhas lendas e doutrina [...] (AUERBACH, 2011, p. 13)

Mais recentemente Frye retomou indiretamente o tema levantado por Auerbach dando-lhe razão, e escreveu palavras fortes sobre esse mesmo aspecto da literatura bíblica: “Claramente a Bíblia é um livro violentamente partidário: e como em qualquer outro caso de propaganda, a verdade é aquilo que o escritor pensa que deva ser a verdade” (FRYE, 2004, p. 66-67). Em *O Código dos Códigos* ele tratou a questão da retórica bíblica empreendendo uma breve análise da poesia e prosa bíblicas; daí extraiu suas intuições sobre o poder retórico dos textos bíblicos. Primeiro discutiu a prosa bíblica, enfatizou sua laconicidade, sua descontinuidade, o que a aproxima da sentença poética de forma particular; e então apontou para o fato de que essa é uma característica que expressa autoridade. Para Frye, as ordens impessoais e diretas do tipo “Faça-se a luz” ou “Não matarás” fazem da Bíblia um livro cuja linguagem é particularmente autoritária. Aqui também vale a pena ler algumas linhas do próprio autor:

A prosa contínua ou descritiva tem uma autoridade democrática: professa ser uma delegada do experimento, da evidência, ou da lógica. Tipos mais tradicionais de autoridade se expressam numa prosa descontínua, de aforismas, ou oráculos, onde cada sentença é cercada de silêncio. (FRYE, 2004, p. 251)

Tradicionalmente a Bíblia fala com a voz de Deus e através da voz do homem. Sua retórica fica, portanto, polarizada entre o oracular e o impositivo, que também é repetitivo, e o mais familiar e imediato. Quanto mais poética, repetitiva e metafórica for a tessitura, mais se vê cercada pelo sentido de uma autoridade externa; quanto mais ela se aproxima da prosa contínua, mais predomina o sentido do humano e do familiar. (FRYE, 2004, p. 253)

Não precisamos de muita pesquisa para dar razão a Auerbach e a Frye quanto ao poder exercido pelos textos bíblicos sobre os leitores. Poderíamos, sim, ampliar nossos horizontes para dizer que esse poder não se deve apenas às características intratextuais, mas também à história da leitura, à tradição religiosa, à mediação dos editores no processo de produção de sentidos por parte do leitor... Mas assim excederíamos todos os nossos limites, pelo que

seguiremos lidando apenas com a questão da ficcionalidade, o que nos conduz de volta a Wolfgang Iser antes de encerrarmos este trabalho.

Para Iser, a ficção cria um mundo no texto, que, como vimos, transgribe os limites da realidade ao selecionar dela elementos que transforma em signos. Do mesmo modo, esse real ficcionalizado é acrescido de elementos do imaginário, os quais transgridem sua dimensão abstrata para se realizar no texto. Dessa combinação de elementos nasce a ficção, que cria um próprio mundo, um mundo ficcional que não é um fim em si mesmo, mas cuja finalidade é voltar à realidade e transformá-la. Noutras palavras, para Iser a ficção possui uma finalidade prática (2013, p. 44-45), e nisso vemos uma relação direta entre a ideia de Iser e o conceito de *desfamiliarização* empregado pelos formalistas russos no início do século passado para descrever a literatura.⁵ Atualmente pode parecer um exagero a afirmação de que toda ficção possui esse efeito desfamiliarizador;⁶ contudo, talvez o conceito se aplique bem a boa parte da literatura bíblica que, como temos visto por meio dos autores citados, é especialmente dedicada a transformar seus leitores.

Indo além, Iser também afirma que para que o texto tenha eficácia na tarefa de retornar à vida ele precisa saber dosar o real e o imaginário, a fim de que o leitor o tenha um “como se”; ou seja, a ficção não deve ser nem muito próxima do mundo real nem tampouco independente ou indiferente a ele. Entende-se que se uma narrativa não permite que o receptor note seus traços excedentes da realidade, ela perde o caráter ficcional e se torna supérflua. Do mesmo modo, se a narrativa não cumpre bem a tarefa de imitar a realidade, o mundo que constrói se torna demasiadamente abstrato, impedindo que o leitor faça a comparação necessária entre o ficcional e a realidade (ISER, 2013, p. 45-47).

Agora estamos prontos para uma pergunta final. Vimos em Iser que a ficção tem um propósito prático e deve ser construída com a medida certa de realidade e imaginação para que cumpra a função na transformação do leitor. Também percebemos que a literatura bíblica deve ser encarada como obra ficcional, e conforme afirmou Auerbach e testifica a história da leitura

⁵ Para os formalistas a literatura (ou a arte em geral) tinha de especial uma potencialidade desfamiliarizadora. Eles defenderam que a ficção nos colocava em contato com um mundo irreal e diferente do nosso, e que tal contato com o imaginário era capaz de nos fazer ver nossa própria realidade com um olhar renovado, menos familiar. Citando James L. Resseguie, a *desfamiliarização* “[...] vira de ponta cabeça o modo familiar ou cotidiano de ver o mundo [...] o leitor desfamiliarizado é o que é menos automático, menos capaz de deslizar suavemente sobre o texto; ele está mais atento aos solavancos no caminho e às rupturas no texto” (RESSEGUIE, 2005, p. 33-34, 38).

⁶ Veja a crítica de Terry Eagleton a esse modo de caracterizar a literatura ou a arte em *Teoria da Literatura* (2006, p. 3-10, 124)

da Bíblia, ela é um dos livros mais influentes da cultura humana. Então, será que poderemos algum dia afirmar que a Bíblia é a ficção na medida exata?

Estamos cientes de que há muitos outros fatores que tornam o texto bíblico tão manipulador: a Bíblia aproveita a tradição religiosa herdada pela cultura, usa personagens poderosos como Deus ou Jesus para fazer afirmações e apelos, e muitas vezes é lida sob um pano de fundo ritualístico que a torna ainda mais influente sobre a mente do leitor religioso. Todavia, é possível que esse poder tenha outras razões; talvez boa parte de suas narrativas sejam composições ficcionais compostas com medidas precisas e que esse seja o fator pelo qual o leitor muitas vezes se vê obrigado a se posicionar de modo particularmente ativo diante de seus textos, convertendo-se ou desprezando-os. Em geral, é preciso certa maturidade literária para ignorar o poder das ficções bíblicas e tomá-las como fonte de entretenimento. Com mais frequência seus imperativos atingem o leitor em voz alta, o colocam contra a parede e o forçam a dar uma resposta. A resposta pode variar, é claro. Alguns dobram os joelhos e se submetem a essa voz, aceitam seus valores e passam a ler o mundo com base nessas ficções. Outros rejeitam seus contratos, e muitas vezes essa rejeição também precisa ser forte, pelo que muitos empreendem verdadeiras lutas contra aqueles textos que queriam prendê-los. Nalguns casos, alguns leitores são encontrados guerreando contra a ditadura que surpreendentemente a ficção instaurou.

Considerações finais

Vimos que os autores que lidam com a Bíblia como literatura frequentemente se preocupam em afirmar o caráter ficcional dela, assim como se esforçam por demonstrar as limitações das abordagens de pretensões historiográficas. No âmbito acadêmico as reações se voltam, com alguns excessos, contra a crítica histórica que certamente ainda tem seu valor e deve coexistir junto com as abordagens literárias. Mas é natural que levemos um tempo para avaliar ambas as contribuições e tomá-las conjuntamente como legado permanente do campo dos estudos bíblicos. Até o presente momento parece que os *literários* ainda consideram necessário combater os *históricos* para conquistar seu lugar. No âmbito popular, ler a Bíblia como literatura pode parecer uma forma laica e contemporânea de reagir ao texto, mas como essa abordagem insiste em adotar o livro sagrado das tradições religiosas judaico-cristãs, o que vemos (pelo menos no contexto brasileiro) é que toda afirmação de que a Bíblia pode ser encarada como obra ficcional possui uma potencialidade para o conflito. Isso talvez explique por que a abordagem literária, que nos parece mais didática e acessível aos *leigos* interessados na Bíblia do que a exegese tradicional, não tem conquistado o espaço que merece. Esses são alguns dos

motivos pelos quais julgamos relevante o aprofundamento relativo à ficcionalidade literária de modo geral. Se forem desfeitos os mal-entendidos, talvez a abordagem literária da Bíblia, com todas as suas virtudes, possa conquistar mais espaço e contribuir mais ativamente com a pesquisa bíblica nacional, penetrando nos ambientes em que a Bíblia já é objeto de estudo e também alcançando estudiosos da literatura em geral, além dos leitores religiosos que, afinal de contas, são os que mais leem a Bíblia.

Também vimos que os pesquisadores estão cientes do poder que essa literatura particularmente exerce sobre os leitores, e que têm se buscado explicar esse fenômeno por meio de análises extratextuais, estudando grupos religiosos, suas relações sociais e seus protocolos de leitura. Por conta disso nos propomos tratar da ficcionalidade bíblica como outro modo de tentar compreender esse poder retórico dos textos bíblicos. Nossa impressão é a de que não é apenas por força das tradições e instituições religiosas que a Bíblia tem *convertido* leitores ao longo dos séculos. Todo leitor dela é atingido por forças mediadoras de caráter religioso, mas supomos que nesse contexto a própria força retórica das narrativas contribua para que ele se sinta pressionado enquanto lê. Portanto, o caminho que escolhemos foi voltar à crítica literária, tanto para ampliar nossos conhecimentos sobre a literariedade bíblica quanto para contribuir com as pesquisas que se têm empreendido sobre a recepção empírica desses textos que, seja do ponto de vista religioso, seja secular, são inegavelmente canônicos.

Referências

- ALMEIDA, L. T. O que Significa ler a Bíblia literariamente? **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**. São Paulo, v. 11, n. 1, 2011, p. 7-22.
- ALTER, R. **A Arte da Narrativa Bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- AUERBACH, E. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BERLINERBLAU, J. Bible as Literature? **Hebrew Studies**, n. 45, 2004, p. 9-26.
- EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERREIRA, J. C. L. A Bíblia como Literatura: Lendo as narrativas bíblicas. **Correlatio**, São Bernardo do Campo, n. 13, 2008, p. 4-22.
- FRYE, N. **O Código dos Códigos**: A Bíblia e a Literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ISER, W. **O Ficcional e o Imaginário**: Perspectivas de uma Antropologia Literária. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MALANGA, E. B. **A Bíblia Hebraica como Obra Aberta**: Uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.

MILES, J. **Deus, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RESSEGUIE, J. L. **Narrative Criticism of the New Testament**: An Introduction. Michigan: Baker Academic, 2005.

TOSAUS ABADÍA, J. P. **A Bíblia como literatura**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEITZMAN, S. Before and after the Art of Biblical Narrative. **Prooftexts**, 27, 2007, p. 191-210.